

Maria Aparecida Lopes Nogueira*

"Cada um é livre para escolher seu critério de verdade"
(Durand, 1989a: 293)

1. Universo Paradigmático

O objetivo deste trabalho é discutir o conceito de Estrutura desenvolvido pelo sociólogo e antropólogo francês Gilbert Durand, teórico da Antropologia do Imaginário. Para o autor, a Estrutura se define como **"uma forma transformável, desempenhando o papel de protocolo motivador para todo um agrupamento de imagens e susceptível ela própria de se agrupar numa estrutura mais geral a que chamaremos Regime"** (1989a: 45). O dinamismo da Estrutura, ressaltado nesse conceito, é utilizado como fio condutor deste trabalho, visto que caracteriza um rompimento epistemológico.

Não estamos falando aqui da ruptura epistemológica encontrada em Freud, que, se por um lado introduz a questão simbólica - "a louca da casa" - no âmbito da ciência, por outro lado, trabalha a partir da perspectiva de causa-efeito. Não estamos falando da ruptura de Marx que, ao mesmo tempo que percebe o indivíduo enquanto sujeito da história, insiste que o dado objetivo atua sempre sobre o subjetivo. Também não estamos falando da ruptura de Lévi-Strauss que, se ultrapassa a dicotomia sujeito-objeto, e ainda considera a Estrutura como elemento primeiro e estático da organização social, situando-se dessa forma, assim como Freud e Marx, numa visão clássica de ciência, ou seja, a partir da Física newtoniana.

Estamos tratando aqui de um rompimento epistemológico que redonda numa outra visão de mundo, a da Física Moderna ou Quântico-Relativista. Vale ressaltar que o psicanalista Carl G. Jung atentou para a necessidade de uma outra visão, o que pode ser percebido em diversos momentos da sua teoria, como por exemplo na noção de Sincronicidade ou conexões a-causais (Jung, 1988). Entretanto, ainda observamos a presença da visão clássica de mundo, quando este autor percebe o símbolo como fator de equilíbrio entre significante e significado. Aí se encontra claramente a mesma dialética marxista, que se compõe de dois elementos (tese e antítese), já que a síntese surge como elemento

* Pesquisadora do Departamento de Antropologia da Fundação Joaquim Nabuco

equilibrador, sendo, portanto, uma nova tese. No entanto, percebemos nesta dialética a ultrapassagem da dicotomia clássica, a partir da introdução de um certo nível de dinamismo refletido na antinomia tese-antítese.

Mas voltando à questão da visão de mundo da Física Quântico Relativista, podemos afirmar que tal Paradigma supõe, dentro da perspectiva da Filosofia do Não de Bachelard (Bachelard, 1986), romper com a lógica Binária e adotar a Lógica Ternária (Pierre, 1992). Partindo dessa Lógica Ternária, G. Durand não trabalha sob a ótica de causa-efeito. Ele faz uma opção metodológica em caminhar do psicológico (imperativos biopsicológicos) em direção ao cultural (intimações sociais), não por ser esta uma ordem necessária, mas por achar mais simples e cômodo, portanto, não atribui um caráter ontológico a esse psicológico. Este ponto é desenvolvido na Física Moderna, no enfoque que vai da partícula sub atômica em direção ao universo: a partícula possui todas as características do todo. Além do mais, no mundo das partículas sub atômicas, as relações são a-causais/sincronísticas, referendadas pelo que os físicos chamam de conexões não-locais. Um exemplo disso, é o Efeito Borboleta (Farjani, 1991). A ênfase, portanto, está no processo: o que se busca é compreender o fenômeno e não explicá-lo.

Em termos da questão objetividade X subjetividade, a Teoria do Imaginário não reconhece a primazia de um dos termos sobre o outro, eles são percebidos em intersecção. Também entre os físicos modernos o dado subjetivo é considerado, pois até a escolha da técnica a ser utilizada nas experiências, segundo eles, interfere no resultado final dessas experiências. E vão mais além ao afirmar que a consciência deve fazer parte das suas teorias, como acontece na Teoria da Matriz S (Bohm & Peat, 1989; Capra, 1983a e 1983b; Heisenberg, 1987).

Quanto à relação sujeito-objeto, Durand faz a sutura do par, considerando que ambos estão presentes em todos os momentos da pesquisa. Nesse ponto, a Física Moderna introduz a Noção de complementaridade (Capra, 1983a e 1983b) para nortear um procedimento que envolve sempre os dois termos, considerando que não podemos falar do objeto como tal, pois suas características só possuem significado no contexto da interação desse objeto com o observador.

É nesse universo paradigmático que se circunscreve o conceito de Estrutura de Gilbert Durand, respaldado numa dialética que introduz o terceiro termo, denominado pelo autor de "terceiro misto". Tem-se, então, neste novo elemento uma disseminação/diacronia (Durand, 1979) em lugar de uma síntese, preocupado em manter os antagonismos dos outros termos. A realidade não se resolve, ela é em si mesma contraditória, é luta constante. E mais uma vez é conveniente que retornemos aos físicos modernos. Segundo eles, a matéria é dual. A unidade sub-atômica possui, simultaneamente, dois aspectos, um de onda e outro de partícula. Ora ela se nos apresenta como onda, ora como partícula,

dependendo do instrumental utilizado para medição.

Assim, devemos considerar uma Ordem Implicada ou Envolvida (Bohm & Peat, 1989; Capra, 1983a e 1983b) que subjaz aos dois aspectos, e que possui características de ambos. O "terceiro misto" de Durand, também é um elemento formado de características dos dois primeiros: estamos diante, portanto, da lógica ternária, que supõe a lógica contraditorial de Lupasco (Teixeira, 1990).

Considerando o universo em eterno movimento, o enfoque dado pelo Imaginário e pela Física Moderna está no processo. Para os físicos, não há uma matéria enquanto partícula elementar formadora de todo o universo, a própria matéria é energia manifestada em massa. O que lhes interessa estudar são as relações entre as partículas, e para isto têm se preocupado em elaborar teorias do tipo quântico-relativista (como a Ordem Implicada), de modo a se aproximarem o mais possível dessa realidade dinâmica. Do mesmo modo, Durand elaborou o conceito de Trajeto Antropológico para abordar/apreender o aspecto dinâmico da realidade.

Devemos ressaltar, ainda, que o nosso grifo em aproximação da realidade foi proposital. Ou seja, em ambos os casos - dos físicos modernos e de Gilbert Durand - se parte do princípio de que é impossível o conhecimento total da realidade. Aliás, o conceito de Tipo Ideal de Weber (Cohn, 1982) já reflete esta visão. Em relação à Física Quântico-Relativista, foi elaborada por W. Heisenberg a Noção de Incerteza, que vem reiterar o fato de que, o que se observa não é a natureza propriamente dita. As propriedades objetivas dos fenômenos subatômicos não existem de forma independente das nossas mentes, o que invalida a observação objetiva da natureza, e nos põe diante de um universo percebido como uma rede interligada de relações. Em se tratando da noção de rede, o conceito de Cultura de Geertz (Geertz, 1978) - "rede de significados"-, seria o mais conveniente a ser adotado quando se trabalha sob a ótica do Imaginário. A aproximação em Durand se reflete nos resultados dos trabalhos desenvolvidos, eles não são percebidos como verdades absolutas sobre a realidade estudada.

A partir da apresentação dos pressupostos básicos do Paradigma que subjaz à teoria de Gilbert Durand, passemos agora ao cerne do nosso trabalho: o conceito de Estrutura.

2. Estrutura

Como o próprio título do trabalho insinua, a Estrutura não é algo estático. O que pode servir de elemento estruturador de um universo estudado, pode não mais sê-lo em outro momento. Tem-se em mente a Estrutura, a Destrutura e a Ex-Estrutura que supõem dois aspectos: o estático e o dinâmico.

O aspecto estático da Estrutura permite a apreensão/verificação

de “certos protocolos normativos das representações imaginárias” (Durand, 1989a: 45). Por outro lado, seu aspecto dinâmico supõe “transformações por modificação de um dos termos, e constitui modelos taxinômicos e pedagógicos para modificação do campo do imaginário” (idem).

A Estrutura é a dinâmica da forma, é qualitativa/sintomática, e descreve-se como “modelos etiológicos mais do que se formulam algebricamente” (idem). O quantitativo integra esta descrição, mas de forma secundária. Além do mais, a noção de probabilidade é utilizada levando-se em conta que não há verdades absolutas.

Essa Estrutura transformável de Durand só pode ser entendida a partir do conceito de Trajeto Antropológico, também elaborado por ele. Senão vejamos: “incessante intercâmbio que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (Durand, 1989a: 29). O Trajeto é, então, um vetor dinâmico. Ele percorre o caminho que vai dos Schèmes (1), passando pelos Arquétipos(2), pelos Símbolos (3), até chegar ao mito.(4)

Relacionando o Trajeto Antropológico com a Estrutura, podemos afirmar que esta última é o isomorfismo dos Schèmes, dos Arquétipos e dos Símbolos no seio dos sistemas míticos ou de constelações estáticas

1. **Schème:** “generalização dinâmica e afetiva da imagem, constitui a fatividade e não substantividade geral do imaginário. Faz junção entre os gestos inconscientes da sensório-motricidade as dominantes reflexas e as representações. São estes Schèmes que formam o esqueleto dinâmico, o esboço funcional da imaginação, trajetos encarnados em representações concretas precisas” (Durand, 1989a: 42).

2. **Arquétipos:** “são substantivações dos Schèmes (...) constituem o ponto de junção entre o imaginário e os processos racionais”(idem: 42-43).

3. **Símbolos:** “signo que remete a um indizível e invisível significado, sendo assim obrigado a encarnar concretamente essa adequação que lhe escapa, pelo jogo das redundâncias míticas, rituais, iconográficas que corrigem e completam inesgotavelmente a inadequação”(idem, 1988: 19). Ilustra, concretamente, o Arquétipo.

4. **Mito:** ao mesmo tempo que é “um esboço de racionalização dado que utiliza o fio do discurso no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em idéias (...) [também] explicita um schème ou um grupo de schèmes (...) [promovendo] a doutrina religiosa, o sistema filosófico ou, como bem viu Bréhier, a narrativa histórica e lendária”(idem, 1989a:44).

que resulta em protocolos normativos das representações imaginárias, bem definidas e relativamente estáveis, agrupados em torno dos Schêmes.

Estes protocolos normativos são, em última instância, as constelações de imagens. Estas constelações se estruturam a partir de um certo isomorfismo dos símbolos convergentes, que se evidenciam através do Método de Convergência. A convergência se exerce além da sintaxe, ou seja, na materialidade de elementos semelhantes. Ela é homóloga; em outras palavras, é equivalência estrutural.

A constelação simbólica é consequência do desenvolvimento de variações em torno de um mesmo tema, e sua apreensão é o objetivo último do trabalho antropológico. Vale ressaltar que a organização das constelações ocorre simultaneamente em torno de "imagens de gestos, de schêmes transitivos e de pontos de condensação simbólica, objetos privilegiados onde se vêem cristalizar os símbolos" (Durand 1989a: 45).

Cabe ressaltar que o pesquisador não pode perder de vista o fato de ele mesmo estar o tempo inteiro percorrendo o Trajeto Antropológico. Sua investigação situa-se, portanto, neste Trajeto, admitindo a existência de uma **"gênese recíproca, que permite a oscilação do gesto pulsional ao ambiente social e material, e vice-versa (...)** Nesse sentido, o imaginário seria o Trajeto, no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito e, no qual, reciprocamente, como provou magistralmente Piaget, as representações subjetivas se explicam pelas acomodações anteriores do sujeito ao meio ambiente" (idem: 20). O imaginário é, então, concebido como um "vasto campo organizado por duas forças reciprocamente antagônicas" (idem, 1988: 85).

Veremos, agora, quais as Estruturas Antropológicas do Imaginário, segundo Durand. São elas: as Esquizomorfas (ou heróicas), as Sintéticas (ou dramáticas) e as Místicas (ou antifráscas). Vale ressaltar, que a cada Estrutura dessa correspondem subestruturas (Durand, 1989a: 305).

Como foi dito no início deste trabalho, estas Estruturas se agrupam em dois Regimes ou Popularidades: o Diurno e o Noturno. Enquanto o primeiro corresponde às Estruturas Esquizomorfas, o segundo constela as Sintéticas e as Místicas.

O Regime Diurno da imagem é definido como um Regime de antítese. Envolve, portanto, o maniqueísmo expresso tão bem no dualismo platônico. Supõe dois instantes: "o primeiro é voltado ao fundo das trevas sobre o qual se desenha o brilho vitorioso da luz; o segundo manifesta a reconquista antitética e metódica das valorizações negativas da primeira" (idem: 49). É o Regime do gênero masculino; adota uma postura heróica, e busca recrudescer as antíteses simbólicas. É forçosamente racional, representa a idéia subjacente no Ocidente de negar a representação do imaginário. Diz respeito ao regime filosófico da dicotomia, da separação e da transcendência, supondo, enfim, o estatismo e o maniqueísmo.

As Estruturas Esquizomorfas são aquelas representações não contaminadas pelo imaginário. "A esquizofrenia está no caminho da cura quando ganha horror ao exclusivo mundo da iluminação e que se religa a um ritual e a um simbolismo noturno"(idem: 135). Desenha-se, assim, outra atitude imaginativa, um Regime pleno de eufemismo: é o Regime Noturno.

Este Regime congrega dois grupos de Estruturas - as Místicas e as Sintéticas - e, por isso, está dividido em dois momentos. **"O primeiro grupo de símbolos é constituído por uma pura e simples inversão do valor afetivo atribuído às faces do tempo. O processo de eufemização esboçado já ao nível de uma representação do destino e da morte, que, no entanto, não tinha ilusões, vai-se acentuando para chegar a uma verdadeira prática de antífrase por inversão radical do sentido afetivo das imagens. O segundo grupo vai ser auxiliado em torno da procura e da descoberta de um fator de constância no próprio seio da fluidez temporal e esforça-se por sintetizar as aspirações da transcendência ao além e as intuições imanentes do devir"** (Durand, 1989a: 138).

As Estruturas Místicas são aquelas que conjugam um desejo de união e um certo gosto pela intimidade secreta, trata-se do universo feminino por excelência. **"Manifesta-se no domínio social, afetivo, perceptivo e representativo (...) tudo se liga, se aglutina, se confunde; tendência em se perceber mais o todo que a parte (...) a generalização do particular passa a representar o todo"**(Costa Melo, 1989: 18).

As Estruturas Sintéticas, por sua vez, integram numa seqüência contínua, todas as outras intenções do imaginário, ou seja, elas representam a coerência dos contrários. Supõe a **"dialética dos antagonismos [quer dizer] reconhecendo os contrários, conserva-os dentro da harmonia cósmica, dando-lhes forma de drama (...) apóia-se na fé, na transmutação da natureza"**(idem:19).

Há, portanto, nesse Regime, uma total inversão do imaginário representado num primeiro instante pelas Estruturas Místicas, e no instante seguinte o confronto destas com as Esquizomorfas consubstanciado pelas Estruturas Sintéticas.

Para classificação desses três grandes grupos de Estruturas que acabamos de ver, Durand se apóia em três dominantes reflexas mediadoras entre os reflexos simples e os associados, são elas: a postural, a digestiva e a copulativa. Estas dominantes são percebidas **"como matrizes sensório-motoras nas quais as representações vão naturalmente integrar-se, sobretudo se certos schèmes motores primitivos(...) se encontram em concordância com os dados de certas experiências perceptivas. É a este nível que os grandes símbolos se vão formar por uma dupla motivação que lhes vai dar esse aspecto imperativo de sobredeterminação tão característico"**(Durand, 1989a:37).

Do isotopismo e da polarização das imagens - morfologia classificadora das Estruturas - Durand coloca a questão da Fantástica Transcendental, que supõe a existência **a priori** de uma realidade idêntica e universal do imaginário, pois a função da imaginação é motivada por um modo de carregar universalmente as coisas com um segundo sentido, este é que é o fato mais universalmente partilhado. Lembremos da noção de Ordem Implicada da Física Moderna, que supõe a existência de uma mesma lógica subjacente tanto à matéria quanto à mente, é isto que Durand reafirma com a sua Fantástica Transcendental.

A contribuição fundamental da Antropologia do Imaginário é nos alertar que "precisamos de rever, quando se trata de compreensão antropológica, as nossas definições sectárias de verdade" (Durand, 1989a: 293). O fenômeno humano deve ser esclarecido numa perspectiva de convergências de toda a Antropologia, visto que sua manifestação está além do próprio objeto. Sob esta convergência, o mito e o imaginário manifestam-se como elementos constitutivos e instaurativos do comportamento humano. É no campo do imaginário que repousam a liberdade e a vocação ontológica das pessoas.

Tendo como suporte o espaço qualitativo (TOPOS) e o tempo não-linear KAIROS, um "**vínculo imaginário e secreto liga e religa o mundo e as coisas ao coração da consciência: não só se vive e se morre por idéias, como também a morte dos homens é absolvida por imagens**"(Durand, 1989a: 297).

Enfim, o universo dinâmico de verdades relativas, aproximações da realidade, de rupturas e de ampliações contemplado por Gilbert Durand, supõe, por si só, a necessidade de Filosofias do Não a fim de manter esse dinamismo, e de nos permitir percorrer indefinidamente o Trajeto Antropológico.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, G. **O novo espírito científico**. Lisboa: Edições 70, 1986

BATESON, G. **Natureza e espírito - uma unidade necessária**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987

BOHM, D. & PEAT, F. David. **Ciência, ordem e criatividade**. Lisboa: Gradiva, 1989

CAPRA, F. **O tao da física - um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental**, São Paulo: Cultrix, 1983a

_____. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1983b

CONH, G. Weber. 2. ed., São Paulo: Ática, 1982

COSTA MELO, R. **Elomar Figueira Mello: uma poética do sertão baiano**. Recife: 1989. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal de Pernambuco. Mimeo.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Lisboa: Editorial Presença, 1989a (Coleção Métodos, n. 31)

—————. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988

—————. A renovação do encantamento. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo: jan/jun, 1989b

—————. Sobre a exploração do imaginário: seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mitocrítica. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo: jan/dez, 1985

—————. **Figures mythiques et visages de l'oeuvre**. Paris: Berg Internacional/L'île Verte, 1979

FARJANI, Antonio C. **A linguagem dos deuses: uma iniciação à mitologia holística**. São Paulo: Mercuryo, 1991

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987 (Antropologia Social)

HEISENBERG, W. **Física e Filosofia**. 2. ed., Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987

JUNG, Carl G. **Sincronicidade**. 3. ed., Petrópolis: Vozes, 1988

ORTOLI, S. & PHARABOD, Jean-Pierre. **Introdução à física quântica**. Lisboa: Dom Quixote, 1986

PAULA CARVALHO, José C. **Antropologia das organizações e educação: um ensaio holonômico**. Rio de Janeiro: Imago, 1990

PIERRE, J. **Le divers, l'événement et l'horizon: le ternaire dans l'oeuvre de Gilbert Durand et la question du discontinu**. Recife, 1992. Mimeo.

TEIXEIRA, Ma. Cecília S. **Antropologia, cotidiano e educação**. Rio de Janeiro: Imago, 1990